

“PETECA É COISA DE MENINA, PROFESSORA”! EDUCAÇÃO FÍSICA E QUESTÕES DE GÊNERO*

Rita de Cassia de Oliveira e Silva

ritasperrut@gmail.com

Faculdade de Educação (UFRJ)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir de que forma as questões de gênero têm sido contempladas em um curso de Licenciatura em Educação Física. A metodologia utilizada foi o Estudo de Caso do tipo etnográfico. Constatamos que as questões de gênero surgem a partir das inquietações discentes. Proponho que os cursos formadores de docentes de Educação Física discutam acerca das questões de gênero levando em conta as identidades híbridas de seus e suas discentes.

PALAVRAS-CHAVE

educação física; gênero; interculturalidade

INTRODUÇÃO

Reflieto que a Educação Física tenha características diferenciadas dos outros campos do conhecimento, pois em suas aulas, os indivíduos parecem estar mais livres das limitações impostas pelas carteiras, cadeiras, mesas e salas escolares.

Se por um lado a Educação Física representa este espaço potencialmente transformador na educação escolar, por outro, tem sido estruturada por uma visão competitiva, construída historicamente, deixando-se, não raro, penetrar por perspectivas hegemônicas de uma sociedade que privilegia modelos padronizados de corpo, êxito e individualismo.



* O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



A escola parece contribuir para a exclusão dos/das estudantes a partir da categoria gênero e reforça a generificação das atividades preconizadas pela Educação Física. Louro (2013) afirma que

A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual. Nesse processo, a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade “normal” e, de outro, simultaneamente, contê-la (LOURO, 2013, p.25).

A partir da problemática exposta, proponho que os cursos formadores de Educação Física contemplem questões ligadas à diferença cultural, no intuito de fornecer aos/às futuros/as docentes pistas para se trabalhar com as múltiplas identidades presentes em nossa sociedade e em nossas escolas.

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo discutir de que forma as questões de gênero² têm sido tratadas em um curso de Licenciatura em Educação Física.

REFERENCIAL TEÓRICO

Souza (2007) considera que a Educação Física se compromete com uma prática eminentemente competitivista, ou seja, princípios relacionados ao “selecionar” e ao “vencer” são disseminados sem qualquer reflexão e naturalizados de forma a torná-la discriminatória.

Daolio (2004) afirma que a Educação Física pode ampliar seus horizontes, abandonando de vez a premissa de investigar o movimento humano, o corpo ou o esporte na sua dimensão exclusivamente técnica, para tornar-se um campo de atuação que considere o ser humano como ator cultural e que faz parte de uma sociedade multifacetada.

Para Canen (2001), reconhecer que a sociedade brasileira é multicultural significa refletir acerca da diferença cultural. Entretanto, significa também constatar a desigualdade no acesso aos bens econômicos e culturais por parte dos diferentes grupos em que aspectos referentes à classe social, raça e gênero atuam de forma marcante. Sendo assim, constata-se que a escola, inserida no bojo das relações socioculturais marcadas pela desigualdade, tem reproduzido a exclusão de diferentes grupos culturais.

Neste sentido, defendo a educação intercultural como a perspectiva que pode nos oferecer pistas rumo a um processo educativo que contemple as múltiplas identidades, fomentando um diálogo igualitário e inclusivo.

Pineda (2009) discute que a educação intercultural se refere à uma aprendizagem significativa, social e culturalmente situada. A autora salienta que esta vertente se entende como a luta contra a exclusão e como a promoção ativa de uma cidadania inclusiva que está cimentada nos direitos humanos e não na homogeneização linguística e cultural.

METODOLOGIA

O estudo de caso do tipo etnográfico foi escolhido como estratégia de pesquisa, pois fornece uma visão aprofundada e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa (ANDRÉ, 2005).

Foram investigadas as Diretrizes Curriculares Nacionais que regem os cursos de formação de docentes de Educação Física, o Projeto Político Pedagógico da instituição, o ementário das disciplinas e os programas de cinco disciplinas escolhidas para observação. Também foram entrevistados/as estudantes, docentes e gestores/as do curso.



² Ancorada em Louro (2013), parto da premissa de que as identidades de gênero são compostas e definidas por relações sociais, moldadas pelas redes de poder da sociedade.



RESULTADOS

As questões acerca das categorias gênero e orientação sexual foram silenciadas nos documentos analisados.

Em uma das disciplinas observadas³, as questões de gênero surgem, principalmente a partir de conflitos existentes na execução de jogos cooperativos.

A docente apresentava inúmeras possibilidades, incluindo os jogos cooperativos⁴ e os mesmos em geral, não eram bem aceitos pelos/as estudantes. As alunas reclamavam com frequência das atividades realizadas em grupo, pois sinalizavam que os alunos se utilizavam de uma força física exagerada no intuito de “vencer a qualquer custo”.

Em geral, a grande resistência e dificuldade em compreender e participar de jogos cooperativos é representada, em sua maioria, pelos alunos do gênero masculino. As questões sobre gênero não só eclodiam a todo tempo nas aulas práticas, como também eram provocadas pela docente, no sentido de fomentar as discussões. A partir desta premissa, diversas atividades foram propostas no sentido de diminuir a supremacia masculina nas aulas de Educação Física, sempre favorecendo a reflexão e discussões do tema.

Em uma das aulas alguns jogos populares foram apresentados à turma através de um circuito com diversas estações: cordas, taco, elástico (pular), petecas, bambolês, raquetes e bolas de tênis, bolas de gude, cones e amarelinha. Mais uma vez as questões de gênero se apresentaram e, conforme sinaliza a professora posteriormente, a atividade tinha esta discussão como objetivo.

Os alunos tentavam, no momento da troca de atividade do circuito, não realizar as atividades consideradas por eles, “brincadeiras de meninas”. Alguns verbalizavam suas opiniões.

“Peteca é brincadeira de menina professora!”

“Mas elástico é uma brincadeira de meninas!”

Após a intervenção da professora, que sinalizou que a definição de “brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas” vem a ser uma construção social e cultural, todos/as participaram do circuito, sendo que alguns alunos ainda generificaram algumas atividades, como é o caso do elástico, onde criaram competições onde verificavam quem realizava o salto mais alto e mais veloz.

Conforme Silva (2012), a Educação Física, através de seus conteúdos, como a ginástica e o esporte, atua como agente generificador das práticas escolares uma vez que as influências dos métodos ginásticos, como o sueco e o alemão preconizavam diferentes exercícios para homens e mulheres. Já o esporte reforça a ideia de uma Educação Física voltada para o mundo masculino e heterossexual onde qualidades como virilidade, força e agilidade são ligadas ao universo masculino, mantendo uma distância segura do feminino.

Em outra disciplina⁵ ocorreu uma aula prática dirigida pela docente. Inicialmente a mesma sugeriu temas e a partir dos mesmos, os/as alunos/as, divididos/as em grupos, deveriam encenar situações apenas com expressões corporais, sem a ajuda da fala.

Em uma das encenações as questões de gênero ficam evidentes. Com o tema sugerido pela professora “Se beber não dirija”, um grupo escolheu abordá-lo com o cenário de um bar, onde a esposa vai buscar o marido que se encontrava ébrio. Na encenação, o marido agride a esposa que tenta tirá-lo do bar.



³ A Disciplina é intitulada Educação Física e Ludicidade

⁴ Pensar em jogos cooperativos é pensar em valorizar o jogar “com o outro” e não “contra o outro”, por meio de atividades de cooperação, potencializando a autoestima e a relação social. Auxilia na proposta da inclusão das diferenças, pois permite a participação de todos/as, independente das habilidades que possuem (SOLER, 2006).

⁵ Educação Física no Ensino Fundamental



Após as encenações os/as discentes discutiram acerca do que foi apresentado. Alguns alunos sinalizaram que a violência contra a mulher também ocorre por culpa da mesma, pois na cena, a esposa ainda tenta retirar o marido do bar, mesmo depois de ter sido agredida.

“Olha só, mas ela gostava de apanhar né?”

A professora fala do olhar mais amplo e da sensibilidade que deve acompanhar a prática pedagógica de todo/a professor/a. Esta parece ser a perspectiva com a qual a docente coaduna, fortalecendo a premissa do respeito ao “outro”.

No que diz respeito as entrevistas, as questões de gênero surgem na fala de estudantes e docentes, sinalizando que na instituição existem episódios de preconceito ligados as identidades de gênero e sexualidade. Um professor diz não ver necessidade em contemplar as questões de gênero. Estas foram silenciadas nas falas do diretor e da coordenadora do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do contato com a instituição, reflito sobre a necessidade em se desconstruir a visão do/a docente de Educação Física que visualize seus/as educandos/as apenas como corpos que necessitem ser (con)formados e treinados para a excelência das práticas esportivas e para a execução de gestos esportivos, baseados nos modelos de corpo e de execução física de atletas de alto nível.

Para Barbosa-Rinaldi (2008) faz-se necessária a reflexão e efetivação de uma formação profissional capaz de fazer com que os/as futuros/a docentes compreendam a complexidade da realidade social e sejam capazes de atuar como transformadores/as, co-criadores/as e não como reprodutores/as de saberes. Para que isso aconteça, segundo a autora, é urgente a superação do modelo de racionalidade técnica ainda presente na educação, rumo a uma nova epistemologia da prática docente.

Uma nova Educação Física parece surgir, mesmo através de tentativas isoladas de docentes. O olhar para o “outro” começa adentrar os cursos de formação. Entretanto, muito ainda deve ser discutido. As questões de gênero ainda precisam ser evidenciadas no sentido de se realizar a desconstrução de ideários engessados ao longo da história da construção deste campo.

O curso pode ser afetado pela interculturalidade crítica e concordo com Walsh (2009) quando a autora propõe esta abordagem como ferramenta pedagógica questionadora da racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, permitindo a visibilidade de diferentes maneiras de ser, viver e saber, buscando o desenvolvimento e a criação de condições que além de articular e fazer dialogar as diferenças em um marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, alentam a criação de modos “outros” de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras.



“PETECA IS A GIRL THING, TEACHER”! PHYSICAL EDUCATION AND GENDER ISSUES

ABSTRACT

The present study aims to discuss how gender issues have been addressed in a Licentiate degree in Physical Education. The methodology used was the Ethnographic Case Study. We find that gender issues arise out of student concerns. I propose that teacher education courses in Physical Education should discuss gender issues taking into account the hybrid identities of their students.

KEYWORDS: *physical Education; gender; interculturality.*

“PETECA ES COSA DE NIÑA, PROFESORA”! EDUCACIÓN FÍSICA Y CUESTIONES DE GÉNERO

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo discutir de qué forma las cuestiones de género han sido contempladas en un curso de Licenciatura en Educación Física. La metodología utilizada fue el Estudio de caso del tipo etnográfico. Constatamos que las cuestiones de género surgen a partir de las inquietudes discentes. Propongo que los cursos formadores de docentes de Educación Física discutan acerca de las cuestiones de género teniendo en cuenta las identidades híbridas de sus discentes.

PALABRAS CLAVES: *educación Física; género; interculturalidad.*

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líver Livro Editora, 2005.
- BARBOSA-RINALDI, I.P. Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. *Movimento*. Porto Alegre, v.14, n. 03, p.185-207, fevereiro 2008.
- CANEN, A. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. *Educação e Sociedade*, Campinas, n.77, ano XXII, p.207-227, dezembro 2001.
- DAOLIO, J. *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas: Autores Associados, 2004.
- LOURO, G.L. *Pedagogia da sexualidade*. In: LOURO, G.L. (Org.) *O corpo educado*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- PINEDA, F.L. É hora de sacudir os velhos preconceitos e de construir a terra: sobre a Educação Intercultural. In: CANDAU, V.M.(Org.) *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.
- SILVA, M.M. Escola e Educação Física: maquinaria disciplinar, biopolítica e generificante. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v.34, n.2, p.343-357. Jan./mar 2012.
- SOLER, R. *Educação Física: uma abordagem cooperativa*. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.
- SOUZA, M.S. Didática da Educação Física escolar e o processo lógico de apreensão do saber. *Movimento*. Porto Alegre, v. 13. n. 03. p. 181-199. Set./dez 2007.
- WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: *in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, V.M.(Org.) *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

